



Observatório 2024 de Mortes Violentas de LGBTQ+ no Brasil, Grupo Gay da Bahia

BRASIL LIDERA RANKING MUNDIAL DE HOMICÍDIOS E SUICÍDIOS DE LGBTQ+ EM 2024

O Brasil permaneceu, em 2024, como o país com maior número de homicídios e suicídios de pessoas LGBTQ+ no Mundo. Foram registradas 291 mortes violentas, 34 casos a mais do que em 2023, um aumento de 8,83% em relação ao ano anterior (257 mortes). Uma morte violenta de LGBTQ+ a cada 30 horas. Nesse total estão incluídos 273 homicídios e 18 suicídios. Os dados foram divulgados pelo Grupo Gay Bahia (GGB), a mais antiga organização não governamental LGBTQ+ da América Latina, que realiza este levantamento desde 1980, há 45 anos.

A pesquisa do GGB baseia-se em informações coletadas na mídia, em sites de pesquisa na internet e em correspondências enviadas à ONG. É importante destacar que lastimavelmente, apesar de nossas cobranças anuais, os governos continuam omissos: não existem estatísticas oficiais específicas sobre crimes de ódio contra a população LGBT+ no Brasil, o que torna essa pesquisa do GGB essencial para visibilizar essas tragédias, embora reconhecendo que esses dados sejam subnotificados devido à falta de financiamento público para tal pesquisa. Essas 291 mortes violentas de LGBT+ são apenas a ponta de um iceberg de ódio e sangue!

Além das 291 mortes confirmadas, há 32 casos em investigação, classificados como "no limbo", que aguardam mais apurações para possível confirmação. Caso sejam validados, o número total de mortes violentas subiria para 323. Esse trabalho de pesquisa, conduzido sem apoio financeiro do governo, é realizado por voluntários que se dedicam a reunir dados em sites da internet, blogs, redes sociais e veículos de comunicação.

Apesar desse esforço titânico misturando paciência beneditina e faro de Sherlock Holmes, muitas matérias jornalísticas e registros policiais omitem informações cruciais sobre a orientação sexual ou identidade de gênero das vítimas, cor e detalhes sobre o modus operandi dos assassinos. Tal omissão dificulta uma compreensão mais ampla da violência enfrentada pelos diferentes segmentos da comunidade LGBT+.

Em nível mundial, também não existem dados consolidados sobre homicídios de LGBT+ por país ou continente. A única exceção é um levantamento limitado às pessoas trans, realizado pela ONG *Transgender Europe*, que registrou 321 assassinatos em 39 países no último ano. Dessas mortes, 94 ocorreram no Brasil, o que representa 29,2% do total global. México e Estados Unidos ocupam o segundo e terceiro lugares, com 66 e 61 mortes, respectivamente - lembrando que os EUA possuem 120 milhões de habitantes a mais que nosso país, confirmando a denúncia histórica do Grupo Gay da Bahia, de que o Brasil lidera esse triste ranking mundial de mortes violentas não só do segmento trans, mas de todo o conjunto da população LGBT.

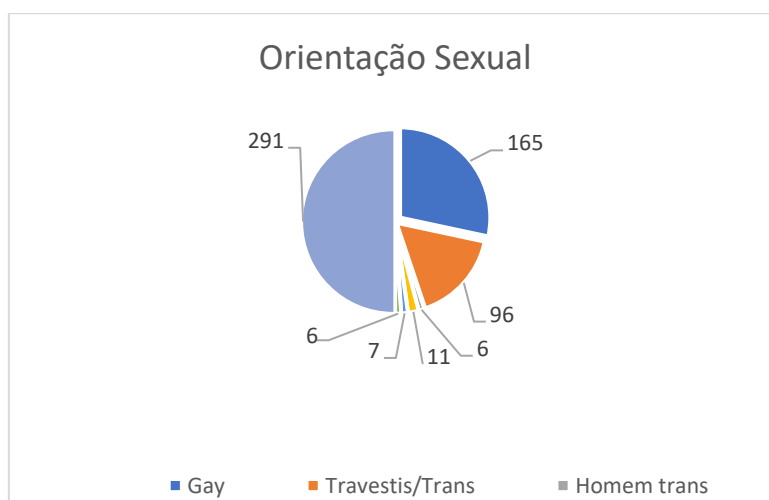
A permanência do Brasil no topo dessa mortandade evidencia a urgência de ações governamentais, legislativas e sociais para combater a violência contra mais de 10% dos brasileiros LGBT+. A invisibilidade estatística e o descaso institucional em efetivar políticas públicas eficazes contribuem para perpetuar a impunidade e aumentar a vulnerabilidade dessas pessoas, repetindo-se todos os anos essa mesma tragédia anunciada, daí exigirmos uma resposta imediata e contundente do governo, realizando o que é seu dever, a começar pelo levantamento estatístico de tais crimes de ódios.

Orientação Sexual e Identidade de Gênero LGBT+ mortos no Brasil, 2024

Orientação Sexual	Abs.	Re. (%)
Gay	165	56,70%
Travestis/Trans	96	32,99%
Lésbicas	11	3,78%
Bissexual	7	2,41%
Homem trans	6	2,06%
Heterossexual	6	2,06%
Total	291	100,00%



Homem trans, Zenaide da Silva Medeiros Filho, 20, Cabedelo, Paraíba
<https://www.reporterpb.com.br/noticia/policial/2024/01/08/jovem-e-achado-sem-vida-com-o-corpo-privado-a-bala-na-paraiba/151871.html>



Em 2024, o Grupo Gay da Bahia (GGB) documentou 291 mortes violentas de pessoas LGBTQ+ no Brasil, incluindo 165 gays, 96 travestis e mulheres transgêneros, 11 lésbicas, 7 bissexuais e 6 homens tans. Os seis (6) heterossexuais foram incluídos neste rol por terem sido vítimas da homotransfobia, ao serem confundidos como pertencentes ao segmento LGBTQ+, por defenderem algum gay ou trans quando atacados, por estarem direta ou indiretamente associados a tal população e a seus espaços de socialização. Esses dados, embora reconhecidamente subnotificados, revelam a persistência da violência contra essa comunidade e reforçam a urgência de políticas públicas efetivas para combater tantos crimes de ódio. Um aumento de 8,83% em relação ao ano anterior, 2023.

Segundo o fundador do GGB, professor Luiz Mott, houve um aprimoramento nas técnicas de coleta e depuração dos dados em relação a 2023, o que permitiu uma análise mais detalhada do perfil das vítimas: “tais números mostram novamente a maior incidência de homicídios envolvendo homens gays, em comparação com travestis, transexuais e mulheres trans.”

Entre os casos mais brutais registrados, destaca-se o assassinato do gay Admilson Julião Martins, (Maia), de 53 anos, em Caruaru (PE): foi degolado, teve o coração arrancado e substituído por uma pedra, seu corpo encontrado num terreno baldio, um crime que chocou todo o país pela extrema crueldade.



Admilson Julião Martins, (Maia)

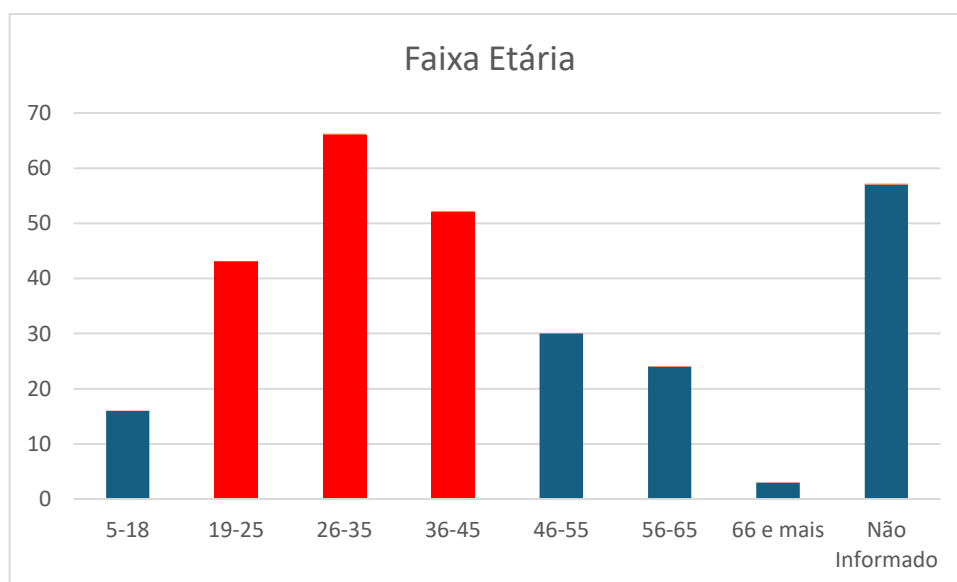
<https://blogdomarciorangel.com.br/2024/12/21/morte-cruel-dancarino-e-degolado-e-tem-coracao-arrancado-do-corpo-em-cg/>

Idade de LGBT+ vítimas de morte violenta, 2024

Faixa Etária	Abs.	Re. (%)
5-18	16	5,50%
19-25	43	14,78%
26-35	66	22,68%
36-45	52	17,87%
46-55	30	10,31%
56-65	24	8,25%
66 e mais	3	1,03%
NI (Não Informado)	57	19,59%
Total	291	100%



Menor diz que matou menino de 5 anos por ter sido chamada de “sapatão”
<https://www.metropoles.com/sao-paulo/menor-diz-que-matou-menino-de-5-anos-por-ter-sido-chamada-de-sapatao>



60,8% das vítimas estavam na flor da idade, entre 19-45 anos ao serem assassinadas ou cometerem o suicídio. O mais jovem com apenas 5 anos, o mais idoso, 75 anos. O menino de cinco anos, LFN, foi morto a golpes de pedra por uma adolescente de 14 pelo simples fato de tê-la chamado de “sapatão”. Esse crime absurdo, ocorrido em Lácio\Marília, SP, em 11/2/2024, revela o quanto a LGBTfobia tóxica está enraizada também no imaginário infanto-juvenil. Tinha apenas 12 anos o gayzinho LFD, de Monte Mor\Campinas, morto a pauladas por seu padrasto em abril pp. Também em abril, outro adolescente, C.T., 13 anos, morreu após sofrer violentos *bullyings* cometidos por seus colegas num colégio de Praia Grande, SP. Também vítima de *bullying* o menino PHO, negro, 14 anos, morador em Osasco, bolsista\cotista no aristocrático Colégio Bandeirantes.

Os lgbt mais idosos a serem assassinados tinham 63, 66 e 75 anos. O mais idoso tinha 75 anos: Brent Fay Sikkema, renomado galerista norte-americano, foi brutalmente assassinado no Rio de Janeiro por seu ex-companheiro em um crime que chocou tanto o Brasil quanto o mundo da arte internacional. Sikkema, foi vítima de violência doméstica em circunstâncias que evidenciam relações tóxicas de poder e abuso em relacionamentos íntimos, incluindo ageísmo (preconceito etário) e machismo. O caso destacou não apenas a vulnerabilidade de indivíduos

LGBTQIA+ à violência em contextos afetivos, mas também a necessidade de maior atenção à prevenção de crimes motivados por desentendimentos interpessoais e emocionais.

A média de idade das travestis e transexuais assassinadas em 2024 é de 24,64 anos, evidenciando uma trágica realidade em que a maioria dessas pessoas, predominantemente profissionais do sexo, continua perdendo a vida antes mesmo de atingir os 35 anos.

Cor dos LGBT+ vítimas de morte violenta, 2024

Cor	Quant.	%
Branca	115	39,52%
Parda/Preta	79	27,15%
NI (Não Informado)	97	33,33%
Total	291	100%

Como relatado nos Observatórios anteriores, também em 2024, a cor/etnia dos LGBT+ referidos nas matérias e reportagens divulgadas na mídia e nas demais fontes que servem de base para essas estatísticas, representam a variável menos citada dentre todos os dados demográficos. Apenas para 34% das vítimas há indicação de sua cor, inexplicavelmente referida para a 76% das travestis e transexuais e tão somente para 17% dos gays. Não se indica a cor de nenhuma das lésbicas e bissexuais assassinados. Porque tais omissões tão flagrantes e injustificadas por parte dos jornalistas e escriturários das delegacias de polícia; Seguindo a classificação cromática do IBGE, os/las LGBT+ brancos como categoria isolada é majoritária, 14,39%, seguida dos pardos 10,50% e pretos 10,89%, porém se agruparmos pardos e pretos como negros, aí então esses representam 21,39% dos lgbt+ vítimas de mortes violentas, ultrapassando as vítimas brancas. Com certeza, como ainda se ouve pelo país a fora, a citação “além de bicha, preta!” tal insulto deve ter sido proferido nos bate-bocas em que muitas LGBT+ foram vítimas de golpes mortais.

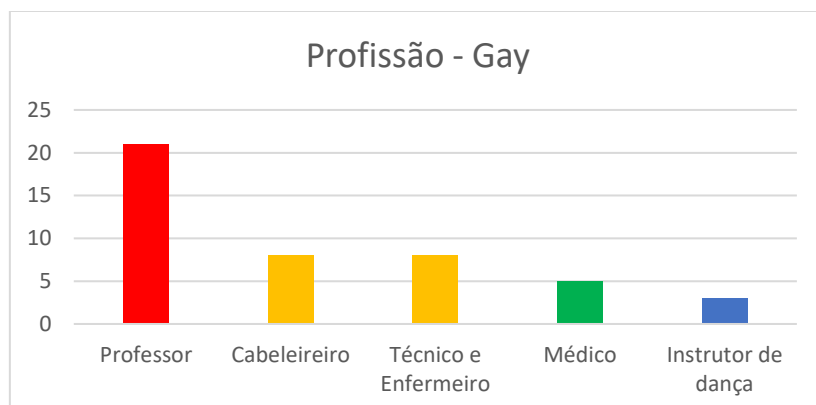


Rubens Augusto dos Santos, Maceió, Alagoas

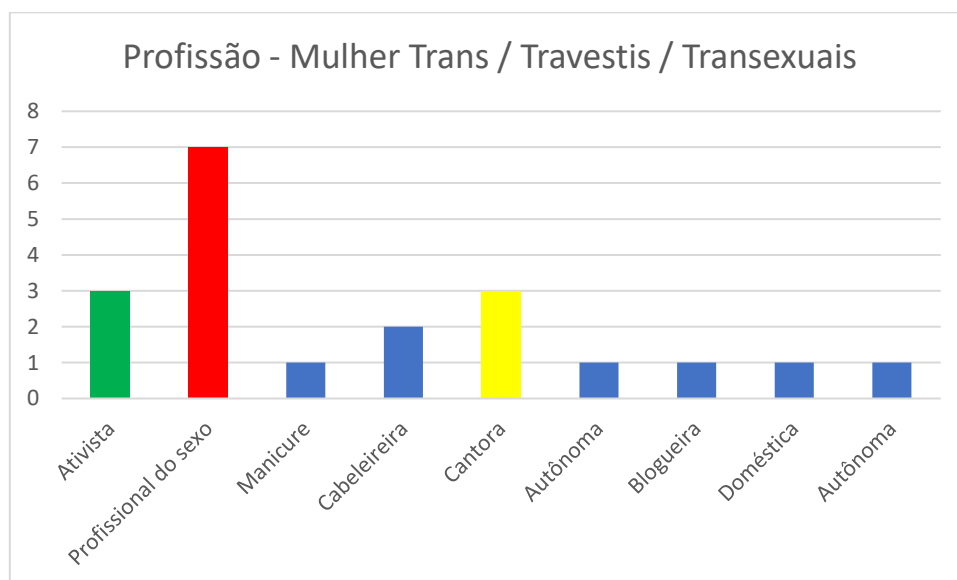
<https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2024/05/29/morte-de-instrutor-de-academia-em-maceio-o-que-se-sabe-e-o-que-falta-esclarecer.ghtml>

Profissão de LGBT+ vítimas de mortes violentas

Dentre as vítimas gays notificaram-se 22 diferentes profissões pertencentes sobretudo ao universo urbano, de advogado e assessor parlamentar a cozinheiros, cabeleireiros e enfermeiros, com destaque para 11 Professores, 5 empresários, 3 médicos e 3 dentistas, 2 pais de santo e 1 padre.

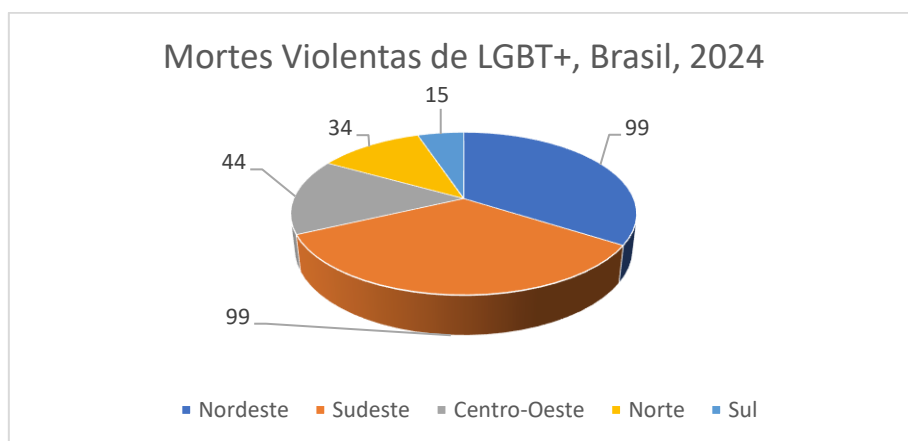


Quanto às trans, distribuíram-se principalmente em 7 ocupações, predominando 18 profissionais do sexo, 3 comerciantes, 3 cabeleireiras, 2 enfermeiras, 1 garçonete. Como nos anos anteriores, pesquisas internacionais sobre mortes violentas de LGBT+, corroboram a presença universal dos homossexuais de ambos os gêneros, mais do que os/as transexuais, em todas as categorias e classes sociais, daí o acerto do *slogan* dos pioneiros do Movimento de Libertação Homossexual: “Somos milhões, estamos em todos os lugares e o futuro é nosso!”



Distribuição Regional das Mortes Violentas

Região	Quant.	%
Nordeste	99	34,02%
Sudeste	99	34,02%
Centro-Oeste	44	15,12%
Norte	34	11,68%
Sul	15	5,15%
Total	291	100%



Em relação à distribuição por região das mortes violentas de pessoas da comunidade LGBT+ em 2024, praticamente se repete a mesma inédita tendência criminológica do ano passado: o Sudeste subiu nessa macabra estatística, ocupando juntamente como o Nordeste a liderança dos crimes letais contra LGBT, posição que nas décadas anteriores era encabeçada pelo Nordeste e Norte. Assim sendo, Sudeste e Nordeste juntos registraram um total de 198 mortes, para 93 somando as demais três regiões, mais que o dobro do total destes homicídios homotransfóbicos.

Mortes violentas de LGBT+ por Estado, 2024

Diferentemente da maior parte dos anos anteriores, em 2024 foram documentadas mortes violentas de LGBT+ em todos os 27 estados da Federação, São Paulo liderando com 53 casos, e o Acre e Roraima com apenas uma morte. Nunca é demais enfatizar que tais números devem ser interpretados apenas como a ponta desse cruel iceberg de ódio e sangue, dada a falta de estatísticas governamentais relativamente aos crimes de ódio.

Estado	N. Abs	N. Re. (%)
1. São Paulo	53	18,21%
2. Bahia	31	10,65%
3. Mato Grosso	24	8,25%
4. Minas Gerais	22	7,56%
5. Pará	16	5,50%
6. Pernambuco	15	5,15%
7. Rio de Janeiro	15	5,15%
8. Alagoas	13	4,47%
9. Ceará	11	3,78%
10. Maranhão	10	3,44%
11. Paraná	10	3,44%
12. Amazonas	8	2,75%
13. Goiás	8	2,75%
14. Espírito Santo	7	2,41%
15. Mato Grosso do Sul	7	2,41%
16. Piauí	6	2,06%
17. Distrito Federal	5	1,72%
18. Paraíba	5	1,72%
19. Sergipe	4	1,37%
20. Rio Grande do Sul	4	1,37%
21. Santa Catarina	4	1,37%
22. Tocantins	4	1,37%
23. Rondônia	3	1,03%
24. Amapá	2	0,69%
25. Rio Grande do Norte	2	0,69%
26. Acre	1	0,34%
27. Roraima	1	0,34%
Total	291	100%

São Paulo, nosso estado mais populoso, com 46 milhões de habitantes, liderou, em termos absolutos, a violência letal contra os LGBT+, com 53 mortes. Proporcionalmente,

porém, a Bahia é a unidade da federação onde a tribo do arco-íris corre maior risco de morte, pois ocupando o quarto lugar em população, com aproximadamente 25 milhões de habitantes, encontra-se na segunda posição em criminalidade homotransfóbica, com 31 mortes, representando mais de 10% das mortes de todo território nacional. Constatação extremamente preocupante que se confirma ao compararmos tais mortes nas capitais desses dois estados: Salvador, com 2.500.000 habitantes, registrou 14 mortes violentas de lgbt+, enquanto a “pauliceia desvairada”, beirando 12 milhões, teve uma morte a menos que a capital da “terra da felicidade”, 13 sinistros. “Triste Bahia”, cantou Caetano, parafraseando Gregório de Matos.

Igualmente preocupante e clamando por imediatas políticas públicas eficazes que estanquem a mortandade da população LGBT+ é o caso do Mato Grosso. Com uma população quase 5 vezes inferior à de Minas Gerais, o estado registrou 24 mortes lgbtfóbicas, duas a mais que o estado mineiro, que teve 22 sinistros.

Aí se coloca uma das inexplicáveis recorrências dos homicídios e suicídios de LBBT+ em nosso país, quiçá também no resto do mundo: a imprevisibilidade do número total destes crimes e a variação de suas circunstâncias ao longo dos anos e décadas. Não há explicação sociológica nem criminológica que clareie de forma científica por que num ano matam-se mais lgbt+ no verão, no outono, no inverno; porque em quatro décadas os gays lideraram sempre o ranking dessas mortes, e durante o governo Bolsonaro, por dois anos as travestis comandaram tais estatísticas; porque o a região Norte ocupou por muitos anos o primeiro lugar nesses crimes lgbtfóbicos, baixando nesse ano para a penúltima região menos violenta; Como explicar sociologicamente que em 2024 novembro tenha sido o mês com menor número de mortes violentas, 17, enquanto dezembro teve 36, mais que o dobro de ocorrências, e tenham sido registrado 19 casos nos meses de fevereiro e março e passados três meses, junho e julho repetiram as mesmas cifras; Quem descobrir e nos comunicar sobre as razões de tais recorrências, estará contribuindo vitalmente para políticas públicas de prevenção dessa cruel criminalidade.



15 Capitais mais violentas para LGBT+

Capital	N. Abs	N. Re. (%)
Salvador	14	15,73%
São Paulo	13	14,61%
Belo Horizonte	7	7,87%
Maceió	7	7,87%
Fortaleza	6	6,74%
Manaus	6	6,74%
Rio de Janeiro	6	6,74%
Campo Grande	5	5,62%
Cuiabá	5	5,62%
Goiânia	5	5,62%
Teresina	5	5,62%
Recife	4	4,49%
Aracaju	2	2,25%
Brasília	2	2,25%
Curitiba	2	2,25%
Total	89	100%

A desproporção entre mortes violentas LGBT+ é gritante não apenas quando confrontada a população total de Salvador e São Paulo, como antecipamos acima, assim como também em outras capitais, como Maceió e Belo Horizonte, cada uma com o mesmo total de 7 mortes violentas, embora a capital mineira tenha mais que o dobro de habitantes. Também Brasília, com população urbana três vezes superior a Aracaju, teve o mesmo número de mortes violentas de LGBT+, 2 casos. Aparentemente pacata, a capital sergipana oferece o triplo de riscos que a sede do governo federal.

Confrontando as mortes lgbtfóbicas com a população das 8 capitais brasileiras com o mais elevado índice relativo de criminalidade anti-lgbt+, temos a seguinte ordem de maior letalidade: Cuiabá, Palmas, Teresina, Salvador e Campo Grande. Assim sendo, somente Salvador aparece nessas duas listas, em número total de habitantes e em números relativos.

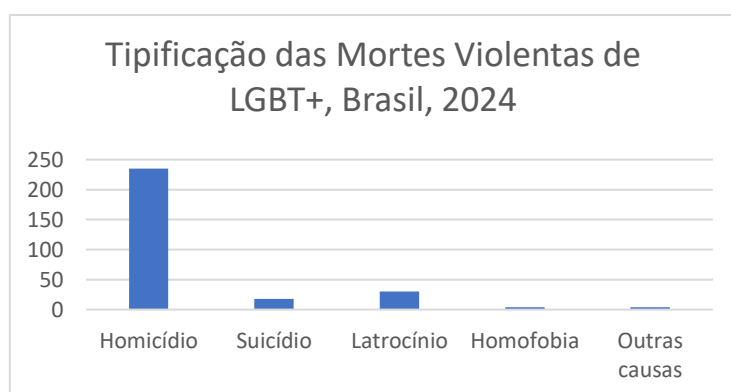
8 Capitais Brasileiras com Maior Criminalidade Anti-LGBT+ (2024)

1	MT	Cuiabá	682.930	5	0,000732
2	TO	Palmas	323.625	2	0,000618
3	PI	Teresina	902.600	5	0,000554
4	BA	Salvador	2.568.928	14	0,000545
5	MS	Campo Grande	954.537	5	0,000524
6	AL	Maceió	1.347.703	7	0,000519
7	AP	Macapá	487.200	2	0,000411
8	GO	Goiânia	1.494.599	5	0,000335

Causa mortis dos LGBT+ no Brasil, 2024

Tipificação	Quant.	%
Homicídio	239	82,13%
Suicídio	18	6,19%
Latrocínio	30	10,31%
Outras causas	4	1,37%
Total	291	100%

Foram registrados em 2024 o total de 269 assassinatos (93,81%), incluídos aqui, além dos 239 homicídios, também os latrocínios e feminicídios, apesar da dificuldade dos jornalistas e operadores da segurança pública em especificar essas tipificações penais. Documentamos também 18 suicídios (6,19%), 2 a menos que no ano anterior. O pequeno número de suicídios explica-se pela subnotificação destes sinistros por tratar-se de crime tabu e estar sujeito a restrições de divulgação, especialmente pelos sites de pesquisa. A todo dispomos de informação sobre 14 gays suicidas, 3 transexuais e travestis, e 1 lésbica, predominando como causa mortis o uso de arma de fogo, enforcamento dentro de casa e ingestão de medicamentos. Os 30 latrocínios quando têm lgbt+ como vítimas, 10,31% das mortes violentas em 2024, devem sempre ser qualificados como crimes de ódio, pois a marginalização das minorias sexuais e de gênero, o machismo que desqualifica e inferioriza tais pessoas, tornam-nas, aos olhos dos criminosos, vítimas fáceis de serem mortas e roubadas. Celular, dinheiro, joias, carros e motos são os principais itens furtados pelos criminosos. Vários criminosos, após matar a vítima, levaram diversos objetos de valor na viatura, queimando-a em seguida para destruir provas do crime.



Modus Operandi nas mortes violentas de LGBT+

Arma	Quant.	%
Arma branca	65	22,36%
Arma de fogo	63	21,65%
Espancamento	32	11,00%
Asfixia	21	7,22%
Pedradas/Pauladas	9	3,09%
Carbonizado	6	2,07%
Esquartejado	5	1,72%
Decomposição	2	0,69%
Não informado	88	30,24%
Total	291	100%

Como nos anos anteriores, predominam no modus operandi das mortes de LGBT+ no Brasil as armas brancas (22,36%), seguidas das armas de fogo (21,65%), incluindo também espancamento, asfixia, apedrejamento, esquartejamento, atropelamento proposital. Segundo a TGEU (Transgender Europe), das 321 mortes de transgêneros documentadas em 2023 em todo o mundo, 28,06% foram vítimas de arma de fogo. Em diversos casos estão presentes mais de um tipo de objeto letal e diversos modus operandi no assassinato, a mesma vítima tendo sido espancada, esfaqueada, esquartejada, carbonizada. Segundo o Marcelo Oliveira Domingos, coordenador desta pesquisa sobre mortes violentas de LGBT+, “o uso de múltiplos instrumentos, o alto número de golpes ou tiros e de diversas formas de tortura refletem a crueldade e virulência da homotransfobia. E de igual modo é o calvário vivenciado pelos suicidas LGBT+, onde a intolerância lgbtfóbica, sem dúvida, foi o combustível e o gatilho para minar sua autoestima e desistirem de viver.”



Jovem é preso suspeito de matar namorado encontrado em terreno baldio com faca alojada no corpo, Catanduva SP

<https://g1.globo.com/sp/sao-jose-do-rio-preto-aracatuba/noticia/2024/10/09/jovem-e-presosuspeito-de-matar-namorado-encontrado-em-terreno-baldio-com-faca-alojada-em-catanduva.ghtml>

Local da morte violenta dos LGBT+

Local	Quant.	%
Domicílio/Residência	94	32,30%
Logradouro público	60	20,62%
Mata/Matagal/Bosque	25	8,59%
Estrada/Rodovia	10	3,44%
Rio/Riacho/Córrego	9	3,09%
Bar/Boate/Prostíbulo	7	2,41%
Hospital	6	2,07%
Praia	2	0,69%
Salão de beleza	1	0,34%
Canavial	2	0,69%
Não informado	75	25,78%
Total	291	100%

Quanto ao local onde ocorreu a morte, 94 das vítimas (32%) agonizaram em sua residência, cerca de 36% na rua, estradas e espaços externos, e 5% em locais ou estabelecimentos públicos. Persiste o padrão de travestis serem assassinadas a tiros na pista, terrenos baldios, estradas, motéis e pousadas, enquanto gays e lésbicas são mortos a facadas ou com ferramentas e utensílios domésticos, sobretudo dentro de seus apartamentos.

Segundo a Transgender Europe (TGEU), das 366 mortes de transgêneros documentadas no ano passado em todo o mundo, 72 casos (19,67%) foram vítimas de arma de fogo, 62 casos (20,67%) foram esfaqueados, 36 vítimas (12%) cometeram suicídio, além de outras mortes causadas por diferentes instrumentos.



Lésbicas são assassinadas quando caminhavam de mãos dadas em Campos Sales, Ceará
<https://www.correio24horas.com.br/correio24horas/brasil/namoradas-sao-assassinadas-a-tiros-durante-caminhada-de-maos-dadas-0524>

Segundo o Prof. Luiz Mott, fundador do Grupo Gay da Bahia e idealizador dessa pesquisa, “lastimavelmente, temos de reconhecer que diversos LGBTQ+ foram mortos devido a seu envolvimento com drogas, crimes que à primeira vista não estariam diretamente relacionadas à homotransfobia; contudo, detalhes cruciais da biografia das vítimas, indicam inegavelmente a presença persecutória da lgbtfobia estrutural, que empurra travestis e gays para o perigoso e fatídico consumo de bebidas e entorpecentes, muitas vezes como estratégia para enfrentar a baixa-estima e depressão motivada pela apartação social, levando-os a ter convivência com traficantes em locais marginais de socialização ou prestação de serviços sexuais. Do mesmo modo como se procede com as mulheres igualmente envolvidas com drogas, ao serem mortas por seus companheiros ou por outros homens, e que tem seus nomes incluídos nas estatísticas de feminicídio, o mesmo ocorrendo com vítimas negras e pertencentes às demais minorias sociais, também os LGBTQ+ vítimas de mortes violentas relacionadas ao consumo ou tráfico de drogas, devem ser incluídos na tipologia classificatória de crimes de ódio racial, conforme justa resolução do Supremo Tribunal Federal quando equiparou a homotransfobia ao racismo.”

Infelizmente, as autoridades policiais conseguiram elucidar os autores de apenas 85 casos de mortes violentas, sendo 39 relacionados a vítimas gays, 37 a travestis e transexuais, e apenas uma lésbica, perfazendo 29,96% do total das ocorrências. Este quadro reflete a falta de monitoramento efetivo da violência homotransfóbica pelo Estado brasileiro, resultando inevitavelmente na subnotificação, representando apenas a ponta visível de um *iceberg* de ódio e derramamento de sangue.

Diante desse cenário alarmante, o Grupo Gay da Bahia (GGB) e Aliança Nacional LGBTQ fazem um apelo enfático para a implementação do 'Formulário de Registro de Ocorrência Geral de Emergência e Risco Iminente à Comunidade LGBTQIA+', conhecido como 'Rogéria', lançado pelo Conselho Nacional de Justiça em agosto de 2022. O GGB defende a adoção obrigatória desse formulário em todas as unidades policiais do país, visando monitorar de maneira mais eficaz os casos de homotransfobia letal. Tal medida fornecerá subsídios essenciais para a formulação de políticas públicas voltadas à proteção da vida dos mais de 20 milhões de brasileiros LGBTQIA+ (10% da população).

Quantitativo de mortes violentas de LGBTQ+, Brasil, entre 1963-2023

Período	Quant.	%
1963-1969	30	0,40%
1970-1979	41	0,55%
1980-1989	369	4,91%
1990-1999	1256	16,70%
2000-2009	1429	18,98%
2010-2019	3029	40,23%
2020-2024	1661	21,25%
Total	7815	100%

Esses dados levantados pelo GGB, ao longo de 45 anos, são a prova irrefutável da existência de uma cultura do ódio contra a população LGBTQ em nossa sociedade e do quanto devemos lutar para erradicar a homotransfobia estrutural causadora deste sangrento

“homocídio”. Nossos registros documentaram entre 1963 e 2024 a morte violenta de 7.815 LGBT+ em nosso país. Tomando como amostra os cinco últimos governos, foram mortos anualmente uma média de 127 LGBT nos oito anos da presidência de FHC, 163 nos dois mandatos de Lula, 360 nos governos Dilma-Temer e 251 nos quatro anos de Bolsonaro, perfazendo um total de 1122 mortes. Surpreendentemente, os dados revelam que apesar do Capitão Bolsonaro ter sido assumidamente o presidente mais homofóbico da história republicana, a violência letal contra LGBT+ diminuiu 30% em relação a seus antecessores Dilma-Temer. A única explicação para essa contraditória redução de mortes remete-nos necessariamente à maior reclusão da população LGBT+ durante a pandemia da Covid e ao temor disseminado entre os LGBT+ pelo persistente discurso de ódio governamental, evitando locais e situações de maior risco. Durante os dois anos (2023-2024) desse terceiro governo do Presidente Lula, foram registradas 548 mortes violentas de LGBT+ no Brasil, uma morte a cada 31,9 horas. Apesar de ser o Presidente da República mais lgbtfriendly da história do Brasil, infelizmente não bastam boas intenções para erradicar essa epidemia de ódio anti-lgbt+. Que esse Observatório de Mortes Violentas de LGBT+ do Brasil, 2024\2025, cheguem às mãos do Lula e de seus Ministros, retirando nosso país dessa abominável liderança de campeão mundial de crimes homotransfóbicos.

Há duas teses de doutorado baseadas nas estatísticas do GGB: “Desejo, preconceito e morte: assassinatos de LGBT em Sergipe 1980 a 2010”, de José Marcelo Domingos de Oliveira (2012) e “Panorama dos Homicídios de LGBT no Brasil: análise espacial e modelagem estatística, 2002 a 2016”, de Wallace Goes Mendes (2019).

Soluções para reduzir e combater a violência contra a População LGBTI+ no Brasil

1. **Implementação de educação inclusiva:** Incorporar a educação sexual e de gênero em todos os níveis escolares, promovendo o respeito aos direitos humanos e a cidadania plena da população LGBTI+ desde a base educacional.
2. **Cumprimento e fortalecimento das leis existentes:** Assegurar a aplicação rigorosa das legislações que protegem os direitos da comunidade LGBTI+, incluindo o reconhecimento do casamento homoafetivo e a equiparação de crimes de homofobia e transfobia ao racismo.
3. **Desenvolvimento de políticas públicas abrangentes:** Investir em políticas de saúde, direitos humanos e educação que promovam a igualdade e atuem para eliminar as mortes violentas na comunidade LGBTI+.
4. **Reforço no combate à impunidade:** Demandar investigações ágeis e rigorosas por parte das autoridades policiais e judiciais, garantindo a punição exemplar dos crimes motivados por LGBTIfobia.
5. **Autoproteção e denúncia:** Conscientizar a comunidade LGBTI+ sobre a importância de evitar situações de risco, buscar redes de apoio, e sempre denunciar qualquer forma de ameaça ou violência às autoridades competentes.

Essa abordagem visa articular esforços institucionais e comunitários para criar um ambiente mais seguro e inclusivo para todas as pessoas LGBTI+.

Declaração de Luiz Mott sobre o aumento das mortes de LGBT em 2024:

"É estarrecedor constatar que em 2024, ao invés de avanços na proteção e respeito à vida da população LGBT+, enfrentamos um aumento alarmante nos casos de violência letal. Esses

dados escancaram a omissão do poder público e a persistência de uma cultura de ódio que coloca o Brasil como um dos países mais perigosos para pessoas LGBTQ+. Não podemos normalizar essas perdas. Exigimos ações efetivas e urgentes para garantir a segurança e a dignidade de nossas vidas, passando pela educação, justiça e políticas públicas de enfrentamento à LGBTQfobia. Chega de impunidade, chega de mortes!"

Declaração de Marcelo Cerqueira, Presidente do Grupo Gay da Bahia:

"O crescimento das mortes de pessoas LGBTQ+ em 2024 é uma tragédia que deveria chocar a todos, mas que infelizmente ainda encontra silêncio e indiferença por parte de muitos. Esses números não são apenas estatísticas; são vidas ceifadas por preconceito e violência. É inaceitável que o Brasil, ano após ano, lidera esses tristes *rankings* globais. Como sociedade, precisamos urgentemente agir: exigimos que o governo priorize políticas públicas eficazes, a aplicação rigorosa das leis existentes e campanhas massivas de conscientização. É hora de dizer basta à LGBTQfobia e construir um país onde possamos viver sem medo."

Para maiores informações:

Luiz Mott, 71-9874-64830

Marcelo Domingos, 75-9997-45948